

Ópera dos mortos: o desdobramento do espaço social através da linguagem

Cristiane Barnabé Segalla

Mestranda em Teoria literária e Literatura comparada pela USP
e-mail: conexaocris@uol.com.br

Resumo Este artigo propõe uma reflexão sobre as construções textuais de *Ópera dos mortos* de Autran Dourado, conciliando a análise estética e sociológica, tendo em vista as relações sociais e econômicas representadas na narrativa. O estudo foi construído a partir da análise das relações estabelecidas entre o povo da cidade com Rosalina, levando-se em consideração os valores da sociedade patriarcal do final do século XIX e início do século XX, período dos fatos narrativos. Através da recorrência, tão presente na construção textual, são enfatizadas as relações sociais petrificadas e a posição de submissão à qual está submetida a figura feminina ao universo do patriarcalismo, que insiste em se conservar, não importando com as conseqüências geradas a partir disso

A partir dos anos trinta e quarenta, no século XX, surge uma nova geração de escritores brasileiros, procurando alternativas diversas daquelas criadas pelos modernistas da década de vinte, formando uma nova etapa no cenário da literatura nacional, ao enfatizar a síntese ideológica e estética na palavra escrita.

Nesse momento histórico, a complexidade do mundo torna-se presente na complexidade dos textos literários. Há, desse modo, um estilo antes de 22 e um outro após Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira; pois o novo cenário histórico passou a exigir novas experiências artísticas. Porém, a prosa modernista preparou o terreno para o “realismo bruto” de alguns escritores, devido à “descida” à linguagem oral e aos regionalismos. Além disso, o romance intimista também se beneficiou com o desrecalque psicológico que chega a partir do Modernismo. As décadas de 30 e de 40 são marcadas como a era do “romance brasileiro” a partir do desenvolvimento da ficção regionalista, com a intenção de representar a realidade do interior do país: seus tipos humanos, aliados aos problemas da sociedade (Graciliano Ramos, Lins do Rego, Jorge Amado) e da prosa cosmopolita (Geraldo Vieira. Cf. BOSI, 1994, pp. 383-388).

Dentre as novas tendências literárias, fazem parte aqueles escritores cujas obras apresentam o interesse pela análise psicológica das personagens, vasculhando o interior angustiado. Dessa forma, o espaço exterior passa para segundo plano e o foco da narrativa passa a ser o espaço mental das personagens e a introspecção, para uma abordagem dos conflitos produzidos entre os seres e o contexto social ao qual estão inseridos. Na prosa, seguindo essas tendências, destacam-se: Clarice Lispector, Osman Lins, Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado, entre outros. Tal perspectiva conduz o leitor como testemunha da miséria cotidiana, da alienação e da opressão em que está imerso o mundo.

Nesse contexto, entre outros escritores, surge Autran Dourado. Waldomiro de Freitas Autran Dourado nasceu em 1926, na cidade de Patos, Minas Gerais. Com apenas um mês de vida, sua família muda-se para Monte Santo, no mesmo estado. E é nessa cidade que é criado. Em 1954, muda-se para o Rio de Janeiro. Formou-se em direito,

em Belo Horizonte. Aos dezessete anos, tinha um livro de contos escrito. Godofredo Rangel, juiz e autor de *Falas Gloriosas*, leu a obra e aconselhou-o a guardá-la e a ler uma série de livros. Autran Dourado seguiu à risca as orientações do escritor. Foi assim que começou a ler, na Biblioteca Municipal de Belo Horizonte, as obras de Stendhal, Flaubert, Henry James, Joyce, Thomas Mann, Proust, Tchecov. Além disso, Godofredo Rangel orientou-o a aprender francês e inglês. Autran Dourado tornou-se também leitor das tragédias gregas, influenciado por seu professor Artur Veloso que lhe despertou o gosto pela filosofia. Possui uma vasta produção literária, quer seja de contos, novelas, romances, quer de ensaios sobre a própria obra. Alguns de seus livros foram publicados no exterior e vários deles receberam prêmios. Em 1947, publica seu primeiro livro: *Teia*, financiado pela sua mãe. É a história de um rapaz pobre e órfão vivendo em uma pensão. Esse romance apresenta, de certa forma, a temática que vai estar sempre presente em suas obras:

A Teia prende as personagens no seu labirinto interior da solidão, isolamento, incapacidade de comunicação, e o primeiro ‘monstro’ a ser enfrentado é o Minotauro, ser disforme, anormal, ambíguo, que cada um constrói dentro de si mesmo, nas idas e voltas pelas ladeiras e veredas de uma vida quase nunca ‘pródiga’ (SENRA, 1983, p. 104).

Desse modo, todas as personagens e histórias criadas fundem-se e percorrem corredores em que um caminho sempre conduzirá a outro, pois todos eles estão interligados através das teias narrativas, formando assim “o risco do bordado”, a ser percorrido pelo leitor nas galerias do labirinto construído, o que demonstra a arquitetura elaborada das construções textuais. Autran Dourado afirma no jornal *Opinião*, em entrevista a Flavio Moreira da Costa: “Na verdade estou querendo fazer um livro só (...) meus livros são mais ou menos os mesmos” (COSTA, 1974).

A partir de *A barca dos homens* (1961), o autor torna-se mais conhecido e passa a assinar, então, não mais como Waldomiro de Freitas Autran Dourado, mas como Autran Dourado.

A inovação da obra do escritor analisado não está na diversidade de temas abordados, mas na habilidade criativa de lidar com a linguagem e no seu cuidadoso trabalho estético. Segundo Fábio Lucas, “A ficção de Autran Dourado (...) gira ao redor de um repertório limitado de problemas. A inovação, o desdobramento está na linguagem, na articulação narrativa” (LUCAS, 1983, p. 27).

O autor, assim como Guimarães Rosa, busca vigor literário no mundo arcaico, ainda presente na realidade contemporânea. *Ópera dos mortos*, oitavo livro de Autran Dourado, publicado pela primeira vez em 1967, apresenta uma linguagem moderna, reconstruindo, porém, um cenário social ultrapassado. Autran Dourado cria Duas Pontes e, na pequena cidade, o mundo vivenciado por ele, nos princípios de sua vida, é ali retratado. Do referente exterior está presente, em sua obra, a evocação das transformações pelas quais passou a economia de Minas Gerais: o período aurífero; a economia rural e urbano-industrial. Além disso, as relações sociais presentes no cenário mineiro também fazem parte da narrativa de Autran Dourado: a estrutura da sociedade patriarcal, o culto à imagem dos coronéis do passado; a situação da mulher rica e sem instrução, inserida em um espaço social e em um tempo histórico, criada especificamente para o casamento.

Do mesmo modo que José Lins do Rego registra em suas narrativas a decadência do patriarcalismo no Nordeste brasileiro, a partir das misérias humanas, o autor mineiro fixa em suas obras a decadência da sociedade patriarcal em Minas Gerais, através de personagens que se isolam em um universo fechado e totalmente limitado. Nesse sentido, o passado é revitalizado na construção do tecido verbal, para a compreensão das lesões do pretérito no presente.

Em *Ópera dos mortos*, a narrativa é ambientada em Minas Gerais, na cidade mí-

tica de Duas Pontes. Rosalina, última descendente da família Honório Cota, é filha de João Capistrano e neta de Lucas Procópio. No tempo presente da ação, os dois homens estão mortos. Eles eram muito diferentes e Rosalina assume as personalidades opostas do pai e do avô, em uma tentativa de perpetuação de um tempo remoto, cultivando o orgulho do seu núcleo familiar.

Quando Rosalina já é uma moça, seu pai resolve candidatar-se a uma vaga na Câmara da cidade, mas não assume a presidência por ter sido traído, sendo que a vitória das eleições é atribuída ao partido rival. A partir disso, isola-se no sobrado com sua esposa e filha, como uma forma de protesto. O leitor toma conhecimento desse fato, por meio dos monólogos dos diversos narradores que contam, resgatando da memória o passado, e cada um deles vai ser responsável por compor parte da história por meio de perspectivas diferentes.

Após a morte de seus pais, Rosalina mantém o estado de isolamento iniciado pela figura paterna e o sobrado consolida-se como uma espécie de santuário a ser preservado, como resgate do tempo remoto. Ela mora com Quiquina, a governanta muda, que tem como incumbência vender, na cidade, as flores de pano que Rosalina produz e, além disso, é ela quem funciona como um elo entre o sobrado e a vida na cidade. Assim, na obra, o leitor depara-se com a representação de um núcleo familiar imobilizado, no qual a inserção de um elemento externo, Juca Passarinho, irá desestabilizar o equilíbrio do isolamento em que vive a personagem central da narrativa.

Durante o dia, Rosalina representa o papel da patroa austera e, à noite, é a mulher, vivenciando todas as fantasias possíveis através do sexo e da bebida, ao tornar-se amante de Juca Passarinho, que passa a trabalhar no casarão.

As ações diurnas de Rosalina caracterizam-se pela reprodução de comportamentos, com o objetivo de deixar sempre vivo e presente na memória os seus antepassados, numa tentativa de afirmar a força deles, no curso de sua história pessoal, mesmo depois de mortos. Assim, a força do passado no tempo presente não tem apenas o sentido e o objetivo de apresentar a força do passado no presente de Rosalina, mas de recuperar o passado e de registrar os traumas da história mineira e, conseqüentemente, da brasileira.

Na narrativa, o culto e a reverência ao tempo pretérito irão gerar o fim trágico da personagem central, pois ao dissimular a engrenagem dos acontecimentos, fechar os olhos para as transformações, a personagem vive uma utopia que se desintegra; portanto recusar o movimento da cultura e da história só pode gerar o caos. De forma contraditória, enquanto a protagonista deseja conservar a tradição, a unidade final da obra parece mostrar que é preciso transformar.

A história narrada é música polifônica, construída a partir da presença de narradores distintos: o narrador coletivo (representando o povo de Duas Pontes); Quiquina (a empregada); Juca Passarinho (o forasteiro); Quincas Ciríaco (amigo de João Capistrano) e Rosalina (a personagem central). Muitas vezes narrativas gerando percepções diversas da mesma realidade. No entanto, todas elas deixarão perceber a valorização dos antepassados na conservação das tradições, o que está diretamente associado à manutenção de certas relações sociais.

Como ópera, o texto de Autran Dourado possibilita a orquestração de diversas artes: o cenário, teatro, canto e a poesia; tendo em vista a organização dos blocos narrativos do texto de Autran Dourado, eles podem ser divididos da seguinte forma: apresentação do cenário; a história dos dirigentes do espetáculo; os atores manipulados e presos a seus respectivos papéis, conduzidos pelos dirigentes; e a ação dramática, propriamente dita: quando há a libertação dos atores da condição de bonecos manipulados, apesar de essa libertação ser momentânea.

Na organização do teatro grego, há dois espaços relevantes: a cena e a orquestra. Da orquestra faz parte o coro, que apresenta a função de dirigir o olhar do espectador. Se em *Ópera dos mortos*, o narrador coletivo representa o povo da cidade de Duas Pontes, os seus comentários registram, portanto, uma espécie de visão unificada que todos da cidade têm da família Honório Cota. Dessa forma, pode-se afirmar que a função do narrador coletivo em *Ópera dos mortos* pode assemelhar-se à função do coro no teatro

grego; nesse sentido, é possível dizer-se que a intenção do narrador coletivo é justamente exaltar a relação de hierarquia social na pequena cidade.

A obra de Autran Dourado enfatiza a alienação do homem, preso a tradições, o que impede a transformação; por isso, suas narrativas estão atreladas a uma dimensão ideológica e política, na medida em que demonstram as contradições presentes na sociedade brasileira.

Assim, da decadência de uma estrutura de poder específica e própria das pequenas cidades, distanciadas dos centros urbanos, surge a decadência de personagens, como Rosalina, de *Ópera dos mortos* que vive a cultivar o tempo retrógrado.

A vida no sobrado, onde vive a personagem central, pode ser vista como a representação de uma determinada estrutura de poder, que quer se manter viva apesar das modificações pelas quais passa a sociedade. Se como pano de fundo da narrativa está o cenário mineiro, *Ópera dos mortos* registra o período de transição do patriarcalismo, próprio da economia rural, para um mundo em que se inicia o processo de urbanização, não cabendo mais as relações de poder baseadas no coronelismo.

Do mesmo modo que Biela, personagem da novela de Autran Dourado *Uma vida em segredo*, vive presa a lembranças da época em que morava na fazenda do Fundão; Rosalina também reproduz, no tempo presente, as imagens guardadas na memória de sua vida de menina. Enclausuradas em um mundo, que impede o surgimento do novo, as personagens solitárias se vêem divididas entre a conservação do pretérito e um presente que apresenta dificuldade em afirmar-se, porque não aceitam um modo de vida diferente de suas experiências. Como não conseguem adaptar-se às modificações, sem consciência da evolução do tempo, não há alternativas a elas a não ser a morte ou a loucura.

Nesse contexto, o sobrado de *Ópera dos mortos* protege a solidão de Rosalina, protege a guardiã do mundo patriarcal, que tenta tornar atual o mundo dos mortos, vendo, nessa medida, o contato com o povo da cidade como uma ameaça ao mundo em que ela vive. Assim, na narrativa, há dois caminhos que se entrecruzam: os que têm poder e os que se submetem a ele; há duas pontes interligadas: o passado e o presente.

A personagem central aprisionada no espaço dos mortos, ao vivenciar a tradição, a partir da reiteração de seu comportamento, não consegue se posicionar perante a própria solidão à qual está inserida e passa simplesmente a “viver” com os mortos. A inserção de Juca na história pessoal de Rosalina gera conflitos na personagem, que acaba dividindo-se em seres contraditórios e passa, assim, a vivenciar realidades diversas. Ela divide-se porque não consegue integrar o passado com as novas experiências.

No final da obra, o afastamento da personagem de Duas Pontes cria a impossibilidade do povo de integrá-la ao convívio da cidade e o universo vivenciado pela filha do coronel João Capistrano continua a fazer parte de uma esfera inatingível e continuará, portanto, desajustado às transformações sociais.

Se o sobrado de *Ópera dos mortos* simboliza um microcosmo das relações sociais e de uma estrutura de poder específica, as relações ali representadas se expandem para as relações de poder, exercidas na história brasileira, que insistem em se perpetuar. Desse modo, na narrativa há o desdobramento de um espaço social específico através da linguagem. Levando-se em consideração o registro da palavra como síntese ideológica, a obra de Autran Dourado parece querer afirmar o perigo que as relações sociais petrificadas estabelecem para a transformação: “narrar algo significa, na verdade, ter *algo especial* a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandarização e pela mesmidade. Antes de qualquer mensagem de conteúdo ideológico já é ideológica a própria pretensão do narrador” (ADORNO, 1983, p. 270).

A linguagem da narrativa, ao registrar a aventura de personagens solitárias e isoladas, revela a construção de um espaço literário capaz de prolongar o espaço social para além de Minas Gerais, pois as oposições presentes na construção textual podem ser vistas não apenas como as contradições de Rosalina, mas, também, como as contradições mineiras, e conseqüentemente, como as da sociedade brasileira. Portanto, a construção do espaço literário, através de um discurso marcado pela sensibilidade das

personagens e pelos conflitos expressos por elas, transpõe os limites regionais e sociais da sociedade mineira.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. "Posição do narrador no romance contemporâneo", em *Os pensadores*. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1983.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

COSTA, Flávio Moreira. Entrevista do autor a Flávio Moreira Costa: "Autran Dourado: questões de vida e morte", em *Jornal Opinião*: 1/11/1974.

LUCAS, Fábio. "Autran Dourado", em *A ficção de Fernando Sabino e Autran Dourado*. Minas Gerais: Imprensa oficial do estado de Minas Gerais, 1983.

SENRA, Ângela Maria de Freitas. *Literatura comentada: Autran Dourado*. São Paulo: Abril educação, 1983.